

A EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA DE EXTENSÃO MINHA COMUNIDADE: UMA PARCERIA IFAL-MST NO SERTÃO ALAGOANO

Claudemir Martins Cosme¹, Mariza Monteiro Correia¹, Erica Barros dos Santos¹

Instituto Federal de Alagoas. Campus Piranhas, Piranhas – Alagoas - Brasil¹

*Autor para Correspondência: claudemirmartins@yahoo.com.br

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo central apresentar a experiência vivenciada no Programa de Extensão Minha Comunidade, fruto da parceria entre o Instituto Federal de Alagoas/Campus Piranhas e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, desenvolvido entre abril/2016 e janeiro/2017. O foco do Programa foi, através das ações extensionistas, integrar e partilhar saberes/experiências entre os estudantes, docentes e técnicos administrativos do IFAL e as mulheres e os jovens assentados(as) que desenvolvem atividades agroindustriais e agroecológicas nos assentamentos rurais da Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco. Metodologicamente as atividades de construção do Programa foram: levantamento bibliográfico, grupo de estudos, seminários, visitas de campo e cursos nas comunidades rurais, além de um permanente diálogo construtivo entre os professores coordenadores da ação e as lideranças do MST. A aproximação do IFAL da realidade do espaço agrário do sertão alagoano; o aprendizado mútuo entre os participantes; a formação dos estudantes e a capacitação dos assentados(as) foram os resultados principais alcançados.

PALAVRAS-CHAVE: Minha comunidade, agroecologia, agroindústria, assentamento rural, sertão alagoano

THE EXPERIENCE OF THE EXTENSION PROGRAM MY COMMUNITY: AN IFAL-MST PARTNERSHIP IN THE “ALAGOANO SERTÃO”

ABSTRACT: The present work aims to introduce the central experience in My Community outreach program, the result of a partnership between the Federal Institute of Alagoas/Campus Piranhas and the Landless workers movement, developed between April and January 2016/2017. The focus of the program was, by extension, actions integrate and share knowledge/experiences between students, teachers and administrative technical IFAL-AL and women and young people seated (the) developing agro- industrial activities and rural settlements of agroecological Northeast Alagoana do Sertão do São Francisco. Methodologically the construction activities of the program were: a bibliographical survey, study group, seminars, field trips and courses in rural communities, in addition to a permanent constructive dialogue between the teachers and coordinators, leaders of the MST. The approaching reality of agricultural space IFAL-AL of the hinterland of Alagoas; mutual learning among participants; the training of students and the training of settlers (the) were the main results achieved.

KEYWORDS: my community, Agroecology, agribusiness, rural settlement, hinterland from Alagoas

INTRODUÇÃO

As ações extensionistas fazem parte da missão do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), haja vista, para que ele cumpra seu papel não basta apenas o ensino, mas a pesquisa e a extensão que compõem o que podemos chamar do tripé do conhecimento. No caso do IFAL/Campus Piranhas, encravado na Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco,

o conhecimento e a interação com o espaço agrário dessa Microrregião são condições sem as quais a sua missão fica incompleta.

Nessa Microrregião, composta pelos municípios de Delmiro Gouveia, Olho d'Água do Casado e Piranhas, estão espacializados 15 (8,4%) dos 178 assentamentos rurais e 761 (5,8%) das 13.077 famílias assentadas no Estado sob a

responsabilidade da Superintendência Regional do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária de Alagoas (INCRA, 2017). Nesse contexto foi que concebemos o Programa de Extensão Minha Comunidade 2016. Um Programa Institucional do próprio IFAL por meio da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX).

Com o título “Agroindústria e produção agroecológica com as mulheres e jovens do Assentamento Patativa do Assaré¹ – Olho d’Água do Casado – Sertão de São Francisco – Alagoas”, o mesmo se materializou através da parceria e construção coletiva entre o IFAL/Campus Piranhas e o MST. Coordenado pelos Professores: Claudemir Martins Cosme (Geografia) e Laís Gois de Araújo (Filosofia), o Programa contou com a participação direta de 14 estudantes, entre bolsistas e voluntários, dos Cursos de Técnico em Agroindústria e Técnico em Agroecologia, entre o período de sua realização: abril/2016 e janeiro/2017.

Metodologicamente as atividades de construção do Programa foram: levantamento bibliográfico acerca de temas relacionados ao espaço agrário: assentado/assentamento rural, campesinato, reforma agrária, agroecologia, agroindústria e agronegócio, entre outros; grupo de estudos semanais para coletivamente debater textos e planejar as ações; seminários no IFAL, visitas de campo e cursos nos assentamentos rurais, além de um permanente diálogo construtivo entre os professores coordenadores da ação e as lideranças do MST.

Destarte, o presente trabalho teve por objetivo central apresentar a experiência vivenciada no Programa de Extensão Minha Comunidade como forma de contribuir no debate e nas ações extensionistas dentro dos Institutos Federais e/ou Universidades e as parcerias desses com os movimentos e as organizações sociais do campo.

MATERIAL E MÉTODOS

A GESTAÇÃO COLETIVA DO PROGRAMA DE EXTENSÃO MINHA COMUNIDADE

Inicialmente, quando pensamos em construir o Programa de Extensão Minha Comunidade,

os ensinamentos de Paulo Freire (1983), no seu livro “Extensão ou Comunicação?”, foram sempre norteadores dos nossos passos. Nesse sentido, uma preocupação foi constante desde o início até fim do Programa, qual seja: não invadir o espaço dos camponeses e camponesas assentadas e muito menos transformar os sujeitos em meros objetos da ação extensionista. Assim, não levamos o projeto pronto para ser implantado, mas dialogamos inicialmente com os assentados(as) e as lideranças do MST acerca do Programa. Qual o público? Quais as ações? Qual a Comunidade? Qual metodologia? Dúvidas que foram compartilhadas com todos. Nascia, portanto, coletivamente a construção do Programa (Figura 1).

Figura 1. Apresentação do Programa de Extensão Minha Comunidade ao MST – Olho d’Água do Casado



Fonte: Autores, mai., 2016.

Após discussões coletivas, a escolha da Comunidade a ser atendida, como determina as regras do Programa, recaiu sobre o Assentamento Patativa do Assaré, localizado na zona rural do Município de Olho D’água do Casado. A escolha do mesmo não foi por acaso, mas devido está sendo desenvolvido pelas mulheres assentadas a produção de doces e pelos jovens assentados a atividade apícola, portanto, atividades agroindustriais e agroecológicas, ações que atendiam o interesse do Programa. A partir da escolha da comunidade fizemos uma primeira visita para dialogarmos com as famílias assentadas no intuito de explicar à ação e dar prosseguimento a construção coletiva do processo (Figura 2).

¹ Patativa do Assaré é a denominação dada pelas famílias assentadas. Oficialmente no INCRA a denominação é Assentamento Costa. Respeitando a autonomia das famílias citaremos, ao longo do trabalho, os nomes por elas decididos ao nos remetermos aos assentamentos rurais.

Figura 2. Apresentação do Programa no Assentamento Patativa do Assaré – Olho d'Água do Casado



Fonte: autores. Abr., 2016.

O Seminário de apresentação do Programa Minha Comunidade no auditório do IFAL/Campus Piranhas foi o próximo passo. Com a participação de cerca de 50 camponesas(es) assentadas(os) não apenas da comunidade atendida, mas de outros assentamentos rurais da Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco (Figura 3).

Figura 3. Representantes do Assentamento Patativa do Assaré e do MST – Seminário de Apresentação do



Fonte: autores. Abr., 2016.

O seminário foi um ponto alto das ações até aquele momento desenvolvidas. Boa parte da comunidade acadêmica (discentes, docentes, técnicos administrativos, gestores) do IFAL estava presente no evento. Mística, feira agroecológica, mesas de debate, vídeos sobre a luta pela terra e o MST, almoço coletivo, entre outras atividades, compuseram o Seminário. Ao

final fizemos coletivamente o planejamento de ações futuras para o andamento da proposta.

Realizamos um segundo seminário agora na Comunidade. Momento que serviu também como um primeiro dia de campo. Foi o momento da comunidade acadêmica ir até as famílias camponesas assentadas e conhecer as especificidades da vida em um assentamento rural: o Patativa do Assaré. Mística coletiva, caminhada pelo assentamento, visita ao apiário, oficina de apicultura, visita a área de produção de hortaliças no lote da assentada Dona Toinha, visita ao quintal produtivo da família do estudante Marcos Antônio do próprio IFAL, planejamento das ações futuras a partir da realidade conhecida, fizeram parte desse momento (Figura 4).

Figura 4. Mística de acolhimento no Seminário de Apresentação do Programa no Assentamento Patativa do Assaré



Fonte: autores. Mai., 2016.

Precisávamos conhecer mais a realidade das famílias assentadas. Portanto, outro momento de campo foi realizado. Percebemos que, apesar do foco ser o Assentamento Patativa do Assaré, era preciso enxergar a realidade em seu entorno, ou seja, os outros assentamentos existentes e suas experiências. Assim, optamos em conhecer a primeira agroindústria em assentamentos rurais do Estado de Alagoas, localizada no Assentamento Maria Bonita - Delmiro Gouveia, que tem o objetivo de beneficiar a produção dos assentamentos. Estudantes, professores e assentados (as) tiveram a oportunidade de saber mais sobre os procedimentos agroindustriais e a importância da atividade agroindustrial para a sustentabilidade dos

assentamentos rurais. Nesse mesmo dia conhecemos a experiência do viveiro de mudas também no referido assentamento. Dia de campo importante para as próximas ações.

OS CURSOS DE AGROECOLOGIA E AGROINDÚSTRIA: TROCA DE SABERES E EXPERIÊNCIAS

A partir das diversas atividades e de importantes diálogos partilhados, chegou-se a etapa final do Programa: a realização dos cursos de agroindústria e agroecologia. Cada um pensado e planejado para três módulos de 8 horas. No tocante ao curso de agroindústria os três módulos tiveram os seguintes eixos centrais: 1 - higiene na agroindústria; 2 – segurança no trabalho na agroindústria e 3 – processamento de frutas e seus derivados (Figura 5).

Figura 5. I Módulo - Curso de Agroindústria Assentamento Maria Bonita- Delmiro Gouveia



Fonte: autores. Set., 2016.

Os dois primeiros ocorreram na Agroindústria da Reforma Agrária no Assentamento Maria Bonita e o último no Assentamento Gastone Beltrão – município de Olho D’água do Casado. Todos coordenados pelo Prof. Cristiano Quintino Furtado do Curso de Técnico em Agroindústria do IFAL/Campus Piranhas e executado com a contribuição dos estudantes, bolsistas e voluntários do referido curso. Já com relação ao Curso de Agroecologia os três módulos ocorreram da seguinte forma: 1 - produção de compostagem e construção de chocadeira artesanal coordenador pelo Prof. José Thales Pantaleão Ferreira (Figura 6).

Figura 6. I módulo - Curso de Agroecologia - Assentamento Patativa do Assaré - Olho d’Água do Casado



Fonte: autores. Jan., 2017

O módulo 2 – “introdução a irrigação” foi ministrado pelo Prof. José Madson da Silva (Figura 7).

Figura 7. II módulo - Curso de Agroecologia – Assentamento Maria Bonita- Delmiro Gouveia



Fonte: autores. Jan., 2017

Por fim, o módulo 3º – “produção de defensivos naturais” foi coordenado pelo Prof. Danilo César Oliveira de Cerqueira e pelo Técnico Administrativo (Agrônomo) Marcondes Inácio da Silva. Todos os módulos tiveram a participação direta dos estudantes na condução das atividades (Figura 8).

Figura 8. III módulo do Curso de Agroecologia – Assentamento Patativa do Assaré- Olho D’água do Casado



Fonte: autores. Jan., 2017.

O ENCERRAMENTO: MUITOS APRENDIZADOS!

O Programa de Extensão Minha Comunidade 2016 teve seu encerramento no dia 26 de janeiro de 2017 com um Seminário no auditório do IFAL/Campus Piranhas. Mais uma vez dezenas de camponeses e camponesas assentados se fizeram presentes (Figura 9).

Figura 9. Pedro Munoz e Neudo Oliveira no Seminário de Encerramento – IFAL/Piranhas



Fonte: autores. Jan., 2017.

Boa parte da comunidade acadêmica lotaram as dependências do auditório. O ponto alto do seminário foi à participação dos poetas populares Pedro Munoz e Neudo Oliveira com o Projeto “Pampa e Sertão em Cantoria”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

“O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o penso e não o contrário” (FREIRE, 1983, p. 45). Foi com esse pensamento que pensamos juntos com o campesinato assentado todas as etapas do Programa de Extensão Minha Comunidade. Como bem observa esse educador, não podemos entender o processo extensionista como um ato de estender o conhecimento técnico aos camponeses(as), mas sim, como um ato dialógico de comunicação.

Caminho esse trilhado também pela forma como entendemos o que seja agroecologia: acima de tudo uma troca de saberes, a valorização dos conhecimentos populares, o aprendizado com a partilha das experiências e conhecimentos, seja do campesinato, seja dos estudantes, professores e técnicos. “As práticas agroecológicas nos remetem à recuperação dos saberes tradicionais, a um passado no qual o humano era dono do seu saber, há um tempo em que seu saber marcava um lugar no mundo e um sentido da existência” (LEFF, 2002, p. 36).

Portanto, esse foi um dos resultados alcançados pelo Programa, a saber: o aprendizado mútuo entre os participantes das ações, principalmente, no tocante ao cultivar nos estudantes em formação técnica a importância de se valorizar o conhecimento do campesinato assentado. A mudança de atitude face os camponeses (as), a transformação da visão que tinham acerca do MST e dos assentados, eternamente denominados de sem terra na sociedade alagoana, são perceptíveis não somente com relação a alguns estudantes, mas também de alguns docentes. Vale ressaltar, que procuramos enaltecer os mais invisibilizados, ou seja, as mulheres e os jovens assentados. Esses que na maioria das vezes são relegados nas políticas públicas, nas ações e decisões políticas, nos debates e implantações das atividades produtivas, enfim, na vida cotidiana da nossa sociedade, não sendo diferente dos assentamentos rurais. “É um grande desafio ser mulher nesse mundo de dominação masculina, especialmente, no meio rural [...] (CAVALCANTE; AMARAL, 2013, p. 433), mas “[...] é disto que é feita a essência das mulheres: DESAFIOS” (IDEM). Palavras que valem também para os jovens

assentados, acreditamos. Historicamente, assim como as mulheres, são excluídos dos processos.

A aproximação do IFAL da realidade do espaço agrário do sertão alagoano, especialmente, dos assentamentos rurais foi outro importante resultado do Programa. Não foram poucas as vezes que ouvíamos as lideranças do MST afirmarem que não tinham, até então, acesso ao IFAL/Campus Piranhas. Acesso no sentido de firmar laços e executar projetos e sonhos. Antes do Programa Minha Comunidade alguns professores haviam desenvolvido algumas atividades bastante pontuais com algum assentamento. Mas de fato, abrir as portas da instituição, firmar uma parceria tão forte e oportunizar ser ouvida a voz do campesinato assentado nas suas dependências, como forma orientadora das ações de extensão do institucional, foi a primeira vez em cerca de 6 anos desde a criação do IFAL/Campus Piranhas, em 2010.

No conjunto das ações, ressaltamos a formação dos estudantes e a capacitação dos assentados (as) como um relevante resultado alcançado. Os números, nesse caso, falam por si: foram 80 assentados/as capacitados/as; formação direta de 70 estudantes que participaram ativamente das ações (dia de campo e cursos). Por fim, destacamos a ampla integração da Comunidade Acadêmica que faz o IFAL/Campus Piranhas, haja vista, a participação direta de 11 docentes (coordenação e voluntários), 01 Técnico Administrativo (voluntário) e indiretamente 400 estudantes que participaram dos seminários realizados no Campus do IFAL.

A experiência vivenciada no Programa de Extensão Minha Comunidade corrobora para reafirmar a importância das atividades de extensão no processo de formação dos estudantes do IFAL. Ao mesmo tempo, as ações extensionistas, como estas, são primordiais para que o Instituto cumpra seu papel junto ao espaço social onde o mesmo está inserido e assim fortalecer o tripé do ensino, pesquisa e extensão. Os aprendizados foram mútuos entre os participantes. As possibilidades de desenvolvimento de outras ações no Campus Piranhas, como pesquisas e o ensino contextualizado, foram abertas pelo Programa aqueles que participaram de alguma forma do processo. Entretanto, é preciso fortalecer as parcerias com os movimentos e organizações sociais e, assim, desenvolver cada vez mais ações direcionadas para as classes sociais historicamente exploradas e invisibilizadas em nossa

sociedade, a exemplo do campesinato. Assim, a educação contribui concretamente no processo de transformação social, tão urgente nos tempos atuais na sociedade brasileira.

AGRADECIMENTOS

Aos assentados (as) e ao MST pela parceria;

A Pró-reitoria de Extensão (PROEX/IFAL);

Ao Ex-Coordenador de Extensão do IFAL/Campus Piranhas, Marcondes Inácio, pelo apoio incondicional.

Ao professor do IFAL/Campus Piranhas, Josenildo Farias Neto, pela tradução do resumo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTE, M.J.; AMARAL, H.M. O jeito mulher de lutar pela terra. In. ALMEIDA, L.S.; LIMA, J.C.S.; OLIVEIRA, J.S. Terra em Alagoas: temas e problemas. Maceió: Edufal, **2013**.

FREIRE, P. Extensão ou Comunicação? 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, **1983**.

INCRA, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Projetos de Reforma Agrária conforme fases de implementação: período de criação do projeto: 01/01/1970 até 06/03/2017. Maceió, **2017**. CD-ROM.

LEFF, Enrique. Agroecologia e Saber ambiental. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, **2002**, 3, 1. Disponível em: <http://taquari.emater.tche.br/docs/agroeco/revista/ano3_n1/revista_agroecologia_ano3_num1_parte08_artigo.pdf>. Acesso em: abr. 2017.